



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Gabinete do Presidente

**INTERVENÇÃO DE EDUARDO FERRO RODRIGUES,
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
CONFERÊNCIA “EDUCAÇÃO E OS DESAFIOS DO FUTURO”
CONSELHO NACIONAL DA EDUCAÇÃO**

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – 29 JANEIRO 2019

Começo por saudar o Conselho Nacional de Educação, na pessoa da Dra. Maria Emília Brederode Santos, por esta oportuna decisão de organizar um colóquio sobre “Educação e os desafios do futuro”.

A organização lança para o debate questões muito pertinentes.

Trata-se de perceber as consequências que as transformações tecnológicas trazem para a educação, para os media e para a ciência. Consequências também para o emprego e o lazer.

Consequências para a vida das pessoas e portanto para a própria democracia.

E quero aqui dizer-vos que estou muito empenhado em que estes 45 anos do 25 de abril sejam marcados por uma reflexão profunda sobre o futuro do jornalismo e a qualidade do espaço público nesta era das redes sociais. Sei que é um tema que preocupa igualmente o Senhor Presidente da República.

Vivemos de facto numa época de transição. Estamos a caminho daquilo que alguns chamam a quarta revolução industrial, ligada ao advento da robótica, da automação e da inteligência artificial.

Temos de preparar o futuro. É a missão de cada comunidade nacional. Se não fizermos esse trabalho de casa, ninguém o fará por nós.

Mas a melhor forma de preparar o futuro, é conhecermos o passado. A boa estratégia parte sempre de um bom diagnóstico.

Se olharmos para a evolução recente de Portugal em matéria de educação, temos razões para estarmos confiantes no futuro.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Gabinete do Presidente

Quero acreditar que vamos enfrentar os desafios e agarrar as oportunidades que a chamada quarta revolução digital encerra.

Atentemos na evolução e alguns indicadores, para percebermos a dimensão do caminho feito.

Ainda há muito caminho a percorrer, os outros países, nossos concorrentes, não ficaram parados.

Mas a tendência é positiva, é impressionante e é obra da democracia portuguesa. Obra da democracia portuguesa, importa dizê-lo nestes tempos de branqueamento das ditaduras e de esquecimento fácil.

Se o século XX foi o século do Capital Humano, então bem podemos dizer que ele foi, em boa medida, um século perdido para os portugueses, especialmente até ao último quartel.

Em 1930, no Estado do Massachusetts, a escolaridade obrigatória era já de 12 anos. Em Portugal era de apenas 3 anos, tendo mesmo recuado em relação ao que vigorava na I República.

Graças ao investimento das décadas mais recentes, o cenário hoje é outro e recuperámos muito do tempo perdido: por exemplo, a percentagem de portugueses com ensino superior passou de 8% em 2000 para 15% em 2015.

33,5% dos portugueses entre os 30 e os 34 anos frequentaram o Ensino Superior. Em 2004 essa percentagem pouco ultrapassava os 15%.

Ainda temos demasiado abandono escolar e muita gente no mercado de trabalho sem o ensino superior ou sequer secundário.

Mas também aí a tendência é positiva: 52% dos portugueses não tem formação secundária ou superior, mas era de quase 80% em 2004.

A taxa de abandono escolar é de 12,6%, mas era de mais de cerca de 45% ainda em 2002.

Há que continuar. Não podemos abrandar.

Ao mesmo tempo que trilhamos este caminho do progresso temos de nos posicionar melhor para as consequências das transformações tecnológicas que se avizinham.

O mercado de trabalho português é considerado, no quadro da União Europeia, dos mais permeáveis ao chamado desemprego tecnológico.

A resposta passará muito pela educação, já que são os empregos mais qualificados, mais criativos, aqueles que vão perdurar mais no futuro.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Gabinete do Presidente

Mas não basta ensinar a ler e a escrever ou olhar para a educação e o ensino com as lentes do passado. É preciso compreender as crianças e os jovens de hoje e colocar as novas tecnologias no centro da educação.

O ensino da programação e das competências digitais deve estar no centro da renovação curricular dos próximos tempos.

Este é a meu ver um contributo que a educação pode dar na resposta nacional aos desafios do futuro.

Naturalmente, sem o contributo das outras políticas sociais, bem como da política fiscal, não será possível entrarmos nessa quarta revolução industrial sem graves crises de crescimento.

Sei que esse é um outro debate, e que já não me resta muito tempo de intervenção.

Mas não me quero despedir desta audiência sem reconhecer que estamos a assistir a uma quebra da relação afetiva dos mais jovens e dos mais excluídos com a democracia e com o progresso, de dimensão alarmante e a uma escala global.

A democracia tem de voltar a mostrar que é o melhor sistema para a promoção da mobilidade social e de um crescimento económico partilhado.

É neste quadro que devem ser encontradas soluções para os desafios tecnológicos, quer em sede fiscal, quer em sede de políticas sociais.

Muito obrigado pela vossa atenção.